

Prefaciando a tradução espanhola do *Cours de linguistique générale* do genial Ferdinand de Saussure, declarou Amado Alonso que um sábio se torna ilustre tanto pelos problemas que estuda e resolve como pelos que obriga seus colegas e sucessores a reestudar e resolver. Antenor Nascentes se quadra perfeitamente no rol destes últimos, pois que sua obra vale não só pelo que apresenta de resultados positivos de pesquisa, mas também pelo estímulo e acesa curiosidade que, aos seus colegas, discípulos e sucessores incitam a continuar a estrada, mais amena e mais clara, graças ao esforço do heróico sapador. Como diz ele próprio: “Nisto, como em tudo, no começo é que está a dificuldade. Apareçam os aperfeiçoadores” (*Linguajar carioca*, 207, 2ª ed.). Um perpassar d’olhos por toda a extensa produção de Antenor Nascentes percebe, sem grande esforço, temas novos e palpitantes que aflora ou aprofunda em artigos e livros, deixando ao toque de sua originalidade e o caminho aberto a novas pesquisas; estudar esta linda bibliografia é tarefa que se pode distribuir por vários capítulos, razão por que me limitarei à atividade do romanista. Mas, mesmo assim, quero aqui deixar assinalado que a modernidade de Antenor Nascentes não se enfeixa na sua obra científica ou literária; ela se estende à sua figura humana, possibilitando-lhe um diálogo franco e alegre com velhos e moços.

Antes de mais nada, cabe-nos aqui indagar o que mestre Nascentes entende por filologia românica e como se patenteia a vantagem que experimenta a pesquisa em português, por exemplo, compreendida à luz da visão românica.

Ensina-nos o autor num dos capítulos dos seus *Elementos de filologia românica* (p. 19):

“O problema da filologia românica é explicar as mudanças do latim nas línguas românicas e delimitá-las no tempo e no espaço. No tempo: dada uma forma latina, chegar à forma românica resultante nas várias línguas, ou dada uma forma românica, chegar à forma latina correspondente.

Ex.: lat. *patre* →

port. *pai*
esp. *padre*
prov. *paire*
it. *padre*
fr. *père*

port. ontem ← lat. *ad nocte(m)*.

No espaço, dado um fenômeno, caracterizá-lo nas várias línguas e depois sistematizá-los. Assim, estudando-se as transformações das explosivas surdas intervocálicas nas várias línguas, chega-se à conclusão de que a Itália Setentrional e a Balcano-România as conservam e o resto da România as sonoriza”.

Pela lição aí exarada, pode-se concluir a vantagem de ordem prática que, pelo menos, se tira da consideração de uma língua românica sem desprezar a realidade por que passaram suas irmãs, experimentando condições idênticas ou semelhantes; e a vantagem é esta: serve a Romanística de um seguro elemento controlador de pesquisa. Evita ao estudioso uma visão parcial do problema, que pode truncar a realidade. Às vezes, uma hipótese se nos afigura sedutora porque convém às transformações fonéticas do português ou se ajusta à área semântica dos vocábulos em latim e português, mas a comparação com o mundo românico é que nos patenteia, em geral, a plausibilidade da hipótese ou o seu desolador engano.

Daf, talvez, derive a afirmação de Antenor Nascentes, segundo a qual “a filologia românica é a sobrementes”, isto é, é o remate, é o toque final. Sem a sobrementes, ainda que modesta, a

refeição será incompleta; transplantada a comparação para a nossa seara, sem a filologia românica, a pesquisa, sobre estar incompleta, poderá ser enganosa.

Não era outro o pensamento do autor, muitos anos antes dos citados *Elementos*, pois que, numa lição inaugural da cadeira, em 19 de julho de 1937, comentava nesses termos a importância da filologia românica:

“Uma Faculdade de Letras onde se estudam o português e o francês ao lado do latim, não se poderia compreender sem o cultivo da filologia românica. A mesma necessidade que sente o latinista de conhecer as várias línguas indo-européias, irmãos do latim, experimenta o estudioso do português e do francês em relação ao conhecimento das demais línguas românicas. Filhas do mesmo tronco, estas línguas se ajustam mutuamente na elucidação de seus problemas particulares, esclarecendo os casos difíceis e os duvidosos. Uma vez trata-se de uma questão de fonética: o *h* de *hediondo*, por exemplo, o *ch* de *chapéu*, o *pi* de *piano*. A filologia românica revela a origem destes vocábulos, indicando apenas o tratamento recebido pelo *f* inicial espanhol, pelo *c* francês diante de *a*, pelo *pi* italiano. Outras vezes trata-se de uma etimologia e o subsídio românico se torna indispensável. Assim, por exemplo, *achar* no sudoeste da Europa, vai encontrar no oriente, passando pelo francês *trouver* e pelo italiano *trovare*, pelo provençal *trobar* e pelo latino sobresselvano *truva*, vai encontrar o seu paralelo no romeno *alǎ*” (p. 71-72).

Antenor Nascentes, pelo que se depreende dos trechos aqui citados, onde se patenteia a influência de Meyer-Lübke, chegou à Romanística trazido pelos princípios do método-histórico-comparativo, como, aliás, aconteceu com todos os brasileiros que, interessando-se pelos estudos lingüísticos, procuraram acompanhar o progresso por que passava a ciência do séc. XIX para o XX. Desde cedo apetrechou-se com o latim e o grego, deste último, segundo o seu testemunho, preparando-se para um concurso de catedrático, que não veio, fazia exercício diário de tradução de 150 versos da *Ilíada* ou da *Odisséia*. Fruto deste estudo é sem dúvida o curso que, no Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, ministrou sobre o imortal Homero. Cedo também lhe ficaram familiares as línguas literárias modernas da Europa, sendo que o francês ele dominava como se fosse sua segunda língua materna. O alemão deu-lhe a carta de maioridade na Romanística: através dele ficaram-lhe familiares a *Grammatik der portugiesischen Sprache* de J. Cornu e R.E.W. de Meyer-Lübke, com quem se cartou e de quem mereceu o prefácio ao prestantíssimo *Dicionário Etimológico*, que, apesar dos seus cinquenta anos de saído à luz, não foi desbancado pelo trabalho do operoso José Pedro Machado. A partir de 1966, rejuvenesceu-se através do *Dicionário Etimológico Resumido*, à semelhança do que fez Corominas – para o espanhol –, obra que publicou o Instituto Nacional do Livro e que precisa agora ser reeditada. Antes, em 1952, já nos tinha dado o tomo II do *Dicionário Etimológico*, relativo aos nomes próprios.

Não lhe faltaram, outrossim, no seu curso de humanidades no Colégio Pedro II, realizado sempre em lugar de honra, o conforto e estímulo de grandes professores, dos quais quatro, durante e mesmo depois do bacharelato, contribuíram fortemente para a formação do futuro filólogo: Fausto Barreto, Vicente de Sousa, Said Ali, Silva Ramos. Sua dívida de gratidão se espelha em referências elogiosas através de toda sua obra e, especialmente, a Fausto Barreto e Vicente de Sousa na dedicatória do *Dicionário Etimológico*, e a Said Ali na *Miscelânea*, que, em sua honra, valentemente conseguiu editar, em 1938, constituindo, aliás, a primeira que, na esfera da filologia, se publicava no Brasil. É interessante observar que a sede de palmilhar novas trilhas não agasalhou, em nenhum momento de sua atividade, qualquer ressentimento ou inveja aos que queriam trabalhar e desbravar a *selva selvaggia*. É um rasgo inerente ao homem de caráter íntegro que Antenor Nascentes se esmerou por ser, não lhe faltando aquela seriedade e pontualidade no cumprimento das obrigações que bem mereciam o adjetivo que lhe era tão grato, *européias*.

Estava, assim, Antenor Nascentes com meio caminho andado para desincumbir-se satisfatoriamente de sua missão de romanista, pois o filólogo ou lingüista não pode limitar-se ao sossegado recanto teórico de seu gabinete; parodiando Goethe, um olho deve estar voltado para a Ciência e o outro para a Vida. E Nascentes viveu intensamente a vida, que se fez refletir nos títulos de sugestivos artigos e livros que escreveu ou estimulou que escrevessem. Os antigos e

modernos lhe mereceram a mesma consideração: os torneios clássicos e a glória do povo foram fiados com a mesma devoção e interesse. Nenhum setor da gama complexíssima dos usos linguísticos que vêm constituir a abstração unitária e global que se chama *língua portuguesa*, passou despercebido a essa atenta curiosidade científica, como se a ele pertencesse aquilo de Terêncio: *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* (*Heautontimorumenos*, a. I, c. 1, v. 25).

A exemplo de notáveis romanistas – Pidal, Fouché, Bourciez, Millardet, Leite de Vasconcelos, Said Ali, Amado Alonso, d'Ovídio e tantos outros – volta sua atenção particularmente para a língua materna. Nesta linha de estudos, além dos três dicionários etimológicos e trabalhos de duas palestras, cabe-me lembrar aqui, sem falar dos livros didáticos:

- 1) El tratamiento de *señor* en el Brasil (Anales de la Facultad de Filosofía y Educación de la Universidad de Chile), 1938;
- 2) Difusión de la lengua portuguesa en el Brasil, 1944;
- 3) Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX (Revista Portuguesa de Filologia), 1950;
- 4) Adolfo Coelho e a etimologia (Miscelânea Adolfo Coelho), 1950;
- 5) A glória brasileira, 1953;
- 6) A saudade portuguesa na toponímia brasileira (Atas do III Colloquium Internacional de Estudos Brasileiros), 1957;
- 7) A pronúncia brasileira da língua portuguesa (Miscelânea Mário Roques), 1952;
- 8) A preposição do agente da passiva (Saggi Ettore i Gotti), 1962;
- 9) O problema da regência (3ª ed. 1967)
- 10) Tesouro da fraseologia brasileira (2ª ed. 1966)
- 11) O linguajar carioca em 1922 (2ª ed. 1953)
- 12) Estudos filológicos (1ª série), 1939.

Destas doze obras, peço licença para deter-me nas quatro últimas e ressaltar-lhes o valor, já que a extensa bibliografia do Prof. Antenor Nascentes exige esta escolha para que não fiquem ultrapassados os limites deste estudo.

No livro *O problema da regência*, comparado com seus congêneres, notam-se qualidades que se devem pôr em destaque:

Primo: a riqueza da citação de autores modernos brasileiros, principalmente, no dizer do Autor, “os que escrevem artisticamente, mas sem preocupações de purismo nem de classicismo”;

Secundo: a filiação inteligente com o latim; pois *partindo da regência exigida pelo étimo*, estuda as variações de regência conforme as significações e chega, quando necessário, ao confronto com as línguas românicas.

Tertio: introduz o conceito de *pósvérbio* de cuja significação na regência ainda não se beneficiaram os estudos de língua portuguesa no Brasil.

A respeito do *Tesouro da fraseologia brasileira* bastaria, para sua consagração, o alto conceito que dele fazem Alwin Kuhn. na 1ª parte da sua *Romanische Philologie* (Berna, 1951, p. 452) e Gerhard Rohlfs no *Manual de filologia hispânica* (p. 335), para satisfazer o gosto dos que só acreditam nas referências elogiosas proferidas por mestres estrangeiros.

Quanto ao livro *O linguajar carioca em 1922*, quem conhece a bibliografia românica o põe a ombrear-se com a *Italianische Umgangssprache* de Leo Spitzer (Bonn e Leipzig, 1939), a *Spanische Umgangssprache* de Werner Beinhaner (Berlin e Bonn, 1930, já traduzida para a Biblioteca Hispânica da Gredos) e principalmente com *Die Entwicklung des neuesten Französischen* (Bielefeld e Leipzig, 1933), da ilustre Elise Richter. O interesse que tais estudos despertam nos meios científicos estrangeiros sem dúvida motivou que Meyer-Lübke, em carta a Antenor Nascentes, lhe pedisse “informações a respeito das alterações sofridas no Brasil pela língua portuguesa”, dando ensejo, assim, ao aparecimento do livro em 1922.

Numa época em que a grande preocupação consistia no purismo gramatical, o livro era

como que um crime de lesa-pátria. O autor disto tinha certeza e alertava o incauto com estas contundentes afirmações: “Conhecemos bem o nosso meio; não ignoramos os remos que nos hão de trazer os estudos de patologia lingüística que empreendemos. Paciência. Nosso trabalho não é para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes do que nós, que nada encontramos do falar de 1822” (Prefácio da 1ª ed.).

Finalmente a 1ª série dos *Estudos Filológicos* reúne onze estudos, dos quais ponho agora dois em relevo: *Instituto de Filologia* (p. 61-70) e *Lição inaugural da cadeira de Filologia Românica* (p. 71-88). No primeiro, saúdo, em 1935, a fundação de um Instituto de Filologia, na Faculdade de Filosofia, graças aos esforços do Dr. Rebelo Gonçalves, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e então contratado por aquela Faculdade brasileira. Já nessa época fazia uma declaração da qual, entre nós, só há bem pouco se vem tomando consciência: são as revistas especializadas um dos principais instrumentos de trabalho para que se possa acompanhar o progresso da ciência.

Com a sua aula inaugural, a 19 de julho de 1937, proferida na presença de um dos mais ilustres romanistas da época – Georges Millardet –, instalava-se na Universidade do então Distrito Federal a cadeira de Filologia Românica para o glorioso destino que lhe reserva o futuro do Brasil, multiplicada pelas numerosas faculdades hoje existentes. Guindava-se, dessarte, Antenor Nascentes à história dessa cadeira em nosso país.

Depois da Filologia Portuguesa, a Espanhola é a que mais tem atraído a atenção do nosso romanista. Nesta seara escreveu:

- 1) Esbozo de comparación del español con el portugués (Anales de la Facultad de Filosofía y Educación de la Universidad de Chile), 1936.
- 2) Gramática da língua espanhola (5ª ed. 1943)
- 3) Tradução de “El Buscapié” atribuído a Cervantes (Anuário do Colégio Pedro II para 1928)
- 4) Antologia espanhola e hispano-americana (Rio, 1943)
- 5) Um ensaio de fonética diferencial luso-castelhana. Dos elementos gregos que se encontram em espanhol (tese de concurso), 1919.

Desta lista, detenho-me na sua tese de concurso, com a qual conquistou a cátedra do Colégio Pedro II. Na realidade, encerra dois estudos independentes. No primeiro focaliza assunto que hoje representa uma das tónicas da filologia hispânica: os pontos coincidentes e diferenciais dos dois idiomas, a fim de que, numa ampliação de propósitos, se tracem a formação e desenvolvimento dos domínios lingüísticos na Península Ibérica, para aproveitar aqui o título do substancioso livro do romanista alemão Kurt Baldinger, na tradução espanhola para a Biblioteca Hispânica da Gredos.

O outro, ainda hoje não menos palpitante, é o estudo da presença de helenismos, quer hereditários – já incorporados ao latim originário responsável pelo romance hispânico, quer através de empréstimos posteriores, como vocábulos de civilização.

Em ambos, o autor se mostra a par da ciência lingüística, quando, por exemplo, discute o problema das *leis fonéticas*, e senhor dos princípios básicos da filologia românica. Foi, aliás, isto o que lhe disse Meyer-Lübke num cartão em que comenta a leitura desta tese.

No domínio francês, afora as referências que se observam através de quase toda a sua obra científica, cabe uma referência à tradução do *Teatro de Beaumarchais* (Garnier, 1923), a convite de Mário Barreto.

Sua atividade de catedrático de Filologia Românica da UERJ e da UFF levou-o a escrever, para uso de seus alunos, os *Elementos de filologia românica* (Rio, 1954), que, além do mérito “de ser o primeiro compêndio que sobre o assunto se publica em nosso país”, tem contribuído pelo Brasil em fora para que a disciplina possa ser honestamente ministrada em faculdades a que

não chegam compêndios europeus mais substanciosos. É um “abrége” dos dois voluminhos da *Romanische Sprachwissenschaft* de Zauner que, apesar do progresso da disciplina e de substituídos na coleção Götschen pela obra de Lausberg, continuam citados nos mais recentes manuais estrangeiros.

Embora o livro – na opinião de um mestre português – se constitua de “lições professadas pelo Autor e dirigidas a um público pouco exigente” (RPF, 7, 1956, p. 495), a verdade é que resgata alguns problemas científicos e pedagógicos de apresentação da Filologia Românica e do seu ensino em nível de alunos universitários, que convém aqui ressaltar. Em longo artigo de quase cem páginas, o Prof. Yakov Malkiel, da Universidade da Califórnia, deu-nos uma tipologia das gramáticas históricas das línguas românicas, que encerra uma visão retrospectiva do assunto e um convite dirigido aos romanistas, incitando-os a tomar parte de um renascimento da gramática histórica das línguas românicas. Para Malkiel, o romanista está mais bem aparelhado do que qualquer outro colega especialista em outros domínios linguísticos, já que possui, à sua disposição, um largo conhecimento do ponto de origem – o latim – o que reduz ao mínimo as hipóteses – e do ponto de chegada refletido numa dúzia de línguas românicas – o que permite toda sorte de estudos comparativos, ressaltando e explicando os aspectos diferenciais e os desenvolvimentos paralelos. Temos dois procedimentos na feitura desses manuais, que não só diferem na sua exterioridade; tais diferenças ultrapassam os aspectos pedagógicos de disposição da matéria, e estão intimamente ligados a problemas de ordem técnica. Um dos procedimentos é o adotado por Bourciez, nos *Eléments de linguistique romane*, onde temos uma série de histórias linguísticas românicas individuais justapostas, diante das quais o próprio leitor deve estabelecer as comparações necessárias. O outro procedimento é o já adotado por Diez e repetido por Meyer-Lübke, em que a propósito de cada forma gramatical ou de cada fenômeno sintático se entretece o fio condutor da comparação entre os vários testemunhos das línguas românicas. Diante desses dois modelos, e de um novo que também estava surgindo e que não pretendia propriamente traçar a gramática das línguas românicas – porém os grandes problemas de história interna e externa que aí estão inseridos, como se vê nos manuais de Tagliavini e Vidos –, mestre Nascentes optou pelo modelo alemão de Diez, de Meyer-Lübke e que naturalmente está na raiz dos manuais de Zauner e Lausberg.

Portanto, os *Elementos* do Prof. Nascentes, diferindo dos *Eléments* de Bourciez, fincaram pé num tipo de orientação científica que aponta a linha da Filologia Românica do autor brasileiro.

Apesar de um manual para alunos que só fazem um ano de Filologia Românica, Nascentes não abriu mão de comparar as formas gramaticais e os fatos sintáticos entre o latim e as línguas românicas que podiam dar uma cabal amostra do percurso que a disciplina cabe abarcar; assim dispôs os representantes neolatinos numa ordem pedagogicamente impecável, partindo, naturalmente, do modelo latino: *português, espanhol, provençal, italiano, francês e romeno*. Da lista em geral seguida por Zauner – seu modelo, como vimos –, Nascentes dispensa o *sardo* e, só quando necessário, contrasta o francês antigo com o francês moderno, o que no autor alemão aparece com mais frequência. Por outro lado, também quando estritamente necessário, o professor brasileiro compara o português de Portugal com o do Brasil.

Esta escolha de Nascentes demonstra que os *Elementos* não são uma simples adaptação do manual de Zauner; a relação dos idiomas adotada por Nascentes não macula o fenômeno linguístico no âmbito românico. Afora isto, a disposição deles é pedagogicamente irrepreensível: percebe-se em Nascentes uma orientação geográfica, na direção da România ocidental (português, espanhol, provençal e francês) para a România oriental (italiano e romeno), e dentro da România ocidental uma orientação do domínio mais conservador da tradição latina tomando como ponto de referência a língua nativa dos alunos brasileiros (português, espanhol, provençal) para o domínio mais inovador e diferenciado (o francês). Aparente exceção a esta ordem de idéias parece haver na colocação do italiano antes do francês; mais uma vez a intuição pedagógica do nosso mestre se patenteia, pois, em geral, a forma italiana está mais evidente ao aluno brasileiro, quan-

do comparada com o português, do que o francês.

Como sabemos, para Nascentes a indicação das mudanças gramaticais não deveria esgotar o âmbito de um curso, ainda que sumário, de Filologia Românica; é atividade importante o comentário de textos e nesse sentido há uma pequena antologia com dez textos representativos do português, galego, espanhol, provençal, italiano, francês, rético, romeno, sardo e dalmata. Infelizmente, nosso autor não chegou a deixar escrito nenhum comentário que nos indicasse o modelo que seguiria; mas não deveria ser muito diferente dos normalmente usados nos manuais de línguas românicas da coleção dirigida por Meyer-Lübke para a editora universitária Carl Winter, de Heidelberg. Entre nós, esses comentários, mais desenvolvidos, nos diversos textos comentados pelo Pe. Augusto Magne e por Sousa da Silveira, especialmente este último ao fazer anotações a um texto do francês antigo, durante duas aulas em que substituiu G. Millardet num curso de Filologia Românica que ministrava na então recente Faculdade.

Aí temos um pouco da atividade de Antenor Nascentes como romanista, atividade que em nada desmerece a posição de relevo que justamente ocupa no panorama dos estudos lingüísticos e filológicos no Brasil.